

José Estevão — Desenho de Nogueira da Silva

Se ainda vertem as lagrimas da consternação que em todo o reino causou a morte subita do primeiro orador da tribuna portugueza, do mais sincero propugnador das regalias populares, quão viva não estará a saudade dos que lhe eramos affectos por intimidade!

Prestando-lhe a homenagem de perpetuar a sua effigie n'estas paginas, só rapidos lineamentos biographicos consentirá a magoa que tanto nos punge.

Nascido na cidade de Aveiro a 26 de dezembro de 1809, José Estevão Coelho de Magalhães frequentava o curso juridico na universidade de Coimbra, quando em 1828 rebentou a revolução constitucional do Porto. Acudindo ao grito da liberdade grande parte da mocidade academia, José Estevão, ainda imberbe, partiu para Aveiro com intento de promover tambem a revolução na sua cidade natal. Suffocadas pelas armas realistas essas audaciosas tentativas, emigrou com outros muitos liberaes para a Galliza, e de lá para Inglaterra. Em 1829, com praça na companhia de artilheiros academicos, fez parte da expedição constitucional que de Plymouth veiu aportar á ilha Terceira, e em 1832 desembarcou com o exercito libertador nas praias do Mindello. Foi um dos heroicos defensores da serra do Pilar, onde ganhou a condecoração da Torre e Espada.

Eleito deputado ás cortes constituintes de 1837, pela cidade de Aveiro, sua patria, manifestou no seu primeiro discurso o assombroso talento oratorio, que depois lhe grangeou a primazia que teve em todas as assembléas parlamentares de que fez parte.

N'esse mesmo anno se estreiou na imprensa periodica, como collaborador do *Tempo*, jornal progressista. Em 1844 fundou o periodico politico *Revolução de Setembro*, o mais antigo dos que hoje existem no continente do reino.

Os seus artigos, posto que sem assignatura, eram conhecidos pela nervura da linguagem, pelo imaginoso do estilo, pela graça e novidade da sua caracteristica elocução. Como jornalista popular, póde-se dizer que vingou a tanta altura como na eloquencia parlamentar.

Foi porém na tribuna que José Estevão imperou sem rival, tendo alli combatido, por largos annos, com os mais experimentados e eminentes oradores das duas camaras.

Dera-lhe a natureza todos o dotes, raros, do verdadeiro orador, do orador popular sobre tudo. Presença esbelta, nobre, varonil, sympathica; semblante expressivo, franco e risonho; olhar scintillante, onde a severidade e a ironia se manifestavam promptamente; voz cheia, sonora, e modulavel á expressão dos affectos, ora trovejando nos impetos de exaltação e enthusiasmo; ora vibrando nos periodos intimativos; já suavisando-se na argumentação, já como que apagando-se-lhe nos lances de commoção. Era uma perfeita escala dos tons oratorios, e um discurso de José Estevão a *oratio flexanima* que aconselha Cicero.

A linguagem, umas vezes remontada nos vôos da mais arrojada poesia, outras vezes abatida até á chãnidade da prosa vulgar, mas sempre imaginosa, fluente e lucida, encantava os ouvintes pela novidade da phrase e das locuções de que só elle sabia usar, e até pelos plebeismos com que provocava a hilaridade.

Nos dias em que elle orava, nos debates solemnes, as galerias eram poucas para a concurrencia dos espectadores.

Excepto dois que se imprimiram á parte, todos os seus discursos politicos ficaram sepultados na volumosa collecção do «Diario da camara dos Deputados»; nenhum d'elles revistos pelo auctor.

É que elle reconhecia bem a verdade d'este aphorismo de Cormenin: *La presse, quelque puisse être sa fidelité, ne pourra jamais reproduire le son éclatant de la voix, le feu des regards, la passion oratoire, l'action, la pose et le geste; et cependant presque tout l'orateur est là.* A nenhum outro melhor que a José Estevão se póde applicar esta sentença.

É estranho á indole d'este semanario percorrer a serie dos acontecimentos politicos em que José Estevão representou, durante os vinte e cinco annos da sua vida publica, e muito mais o julgal-o perante elles. Mas o juizo imparcial da posteridade, confirmando a opinião dos contemporaneos, reconhecerá em José Estevão um caracter probo, franco e leal. Apostolo ardente das idéas democraticas, foi-lhe fiel até ao tumulo. São raros hoje, ainda mal, exemplos d'estes. Privando com o poder, muitas vezes, e n'algumas o seu maior esteio no parlamento, nunca ambicionou o governo, não sollicitou nem acceitou mercês ou condecorações. O peito onde pulsava tão grande coração, só se ornou com a Torre e Espada, ganha no campo da batalha, e com o collar da academia das sciencias, que lhe foi conferido pelo seu talento oratorio. Eram os tropheos que havia conquistado nos dois campos de lide em que tantas victorias alcançára, e os emblemas da sua profissão — as armas e as letras.

E pois que do homem politico a outros compete julgar, olhemol-o de relance como homem de sciencia, cujos trabalhos e escriptos são menos conhecidos.

Posto que formado na faculdade de direito, José Estevão tinha invencivel repugnancia ás tricas forenses, e sobre tudo, o seu engenho phantasioso, a sua indole inquieta e buliçosa, mal se podia amoldar ao estudo sedentario e fastidioso dos processos. Todavia, por duas vezes mostrou que era no fôro rival de Cicero, como no parlamento competidor de Mirabeau.

Accusado por abuso de liberdade de imprensa o *Portugal Velho*, jornal realista que se publicava em 1843, José Estevão, propugnador constante da tolerancia politica, pelo que era bemquisto de todos os partidos, offereceu-se para defensor officioso do jornal absolutista. Foi esta a sua estreia nos tribunaes, e tão esplendida, que ficou memoravel, como nenhuma outra, nos annaes do fôro portuguez. A oração monumental com que elle alcançou a absolvição do periodico realista, corre impressa, mas é apenas uma confusa sombra da oral, já pela impericia dos tachigraphos que a redacção mandou á audiencia, já porque o auctor, segundo costumava, se esquivou ao trabalho de revêl-a, ou antes de a recompor.

A segunda causa que José Estevão advogou, foi tambem no juizo criminal, e em defesa do reo. Era advogado de um boticario accusado de ter passado uma obrigação de um conto de réis a certo facinoroso para lhe matar o sogro, marchante riquissimo d'esta cidade, cuja herança o pharmaceutico havia de receber por cabeça de sua mulher.

Este processo discutido perante o jury teve grande nomeada. Quatro advogados fallaram n'esta audiencia; o delegado do ministerio publico, Paulo Midosi, Pinto Coelho e José Estevão.

Posto que os debates começassem ás nove horas da manhã, só ás dez da noite chegou a palavra a José Estevão. Fôra difficil descrever o movimento de excitação, o murmurio de anxiedade comprimida que subitamente resoou por toda a sala do tribunal, logo que o orador se ergueu. A impressão que este acolhimento fez no juiz, nos jurados e nos advogados contrarios, foi bem comparavel á do grande Condé, quando n'uma grande festividade, vendo apparecer no pulpito o eloquente Bourdaloue, impacientando-o o sussurro do povo, bradou em alta voz, sem reparar que estava na egreja, *silence!* E vendo que se não aquietavam, repetiu: *silence donc! l'ennemi est en présence!*

Mal ageitado com a toga, de bigode e barba cerrada, o que então era contra a pragmatica forense, de pé no meio do tribunal, com o garbo militar que então conservava, parecia mais um cavalleiro da antiguidade que alli apparecêra a quebrar lanças pela innocencia accusada, que um advogado dos nossos auditorios.

O exordio, condizendo com a figura e representação do orador, saíu-lhe dos labios com tal fogo e arrebatamento, fulminando os ardis e intentos da accusação, que o processo, n'aquellas primeiras chammas, ficou reduzido a cinzas.

Passando ao relatorio dos autos, traçou um quadro cujo desenho e colorido maravilhou o auditorio, pelo retrato dos actores d'aquella tenebrosa causa, pela analyse dos incidentes cavillosos que a tinham enredado, e pelas definições juridicas, moraes e ironicas dos capitulos da accusação.

A pintura do espião astuto que dera fio para aquella teia; a historia do marchante accusador, homem duro de coração, tão carregado de odios como de cabedaes; a fama do malfeitor com que agiotava o inculcado assassino; o caracter pusillanime do boticario, e a demonstração da inculpabilidade dos actos suggeridos pelo medo, cuja enfermidade o orador estranhou quizessem curar nos tribunaes, tudo isto foi descripto com tal arte, valentia de imagens e de expressão, com tanta facundia e matiz oratorio, e ao mesmo passo achegado ao alcance e percepção dos jurados, que não podia deixar de convencer que toda aquella accusação era phantastica.

Na contestação do discurso do advogado do accusador, o dr. Pinto Coelho, um dos poderosos athletas do fôro, foi José Estevão inexcedivel. Umas vezes severo e impetuoso, confutando os argumentos contrarios; outras benevolo e risonho, provocando a hilaridade, conseguiu anniquilar o effeito que a oração notavel do seu adversario havia produzido no animo dos juizes.

A peroração, onde difficilmente primam os oradores mais impetuosos e repentistas, como era José Estevão, foi a radiante corôa de tal discurso. Esmaltada pelos toques da sensibilidade que lhe era natural, reluzindo pela invocação aos affectos que mais podiam mover o coração dos julgadores, as lagrimas de enternecimento que rebentaram no auditorio, deram testimunho de que o orador, arrebatando-lhes os sentidos, tinha juntamente arrebatado das mãos da justiça a victima de tão tenebrosa cilada.

Militar, professor, jornalista, orador parlamentar, advogado e publicista, José Estevão soube imprimir n'este discurso todas essas phases do seu pasmoso engenho, o que deu a esta oração um caracter inteiramente original, não só no fôro, mas nos fastos da eloquencia. Lastima é que não haja d'ella mais que as reminiscencias dos que tivemos o gozo de a ouvir, sorte fatal de quasi todos os seus maravilhosos improvisos.

A audiencia durou das nove horas da manhã até ás quatro da madrugada do dia seguinte. A sala, os corredores e escadas do tribunal, estiveram constantemente cheias de povo. Na rua e janellas circumvisinhas, onde a voz cheia e vibrante do orador se ouvia distinctamente, conservou-se muita gente até elle terminar.

Quando Almeida Garrett fundou o conservatorio da arte dramatica, dando-lhe um caracter academico, pela congregação de todos os homens de letras e artes, para restaurar o theatro nacional, estabeleceu que to-

dos os annos, em sessão solemne, se lesse o elogio historico de cada um dos socios fallecidos. A primeira vez que este preceito do estatuto se cumpriu, em 1841, foi uma das mais pomposas festividades litterarias que se tem admirado em Lisboa. Garrett, Castilho, Herculano, Mendes Leal, José Estevão, Varnhagem e outros, leram n'esse acto os mais eloquentes panegyricos. Tocou a José Estevão o de José Ferreira Pinto Basto. E, notavel predestinação, foi o seu monumental jazigo, no cemiterio dos Prazeres, que recebeu o corpo inanimado do grande orador, como se, n'aquella hospedagem transitoria, lhe quizesse o opulento industrial retribuir o affecto e magniloquencia com que tecêra o seu elogio funebre!

Nas «Memorias do Conservatorio Real de Lisboa» se imprimiu este escripto, primeiro trabalho academico de José Estevão, que abona esplendidamente o seu talento para tão difficil genero de litteratura.

Provido na cadeira de economia politica na eschola polytechnica, em 1842, nova phase se abriu ao seu grande engenho. Applicado tenazmente a uma sciencia tão vasta, tão complicada pela variedade das escholas, enredada por systemas successivamente supplantados, José Estevão soube desintricar-se d'este labyrintho, e dar ao ensino d'esta sciencia, nova então entre nós, a direcção mais cordata e proveitosa que ella póde ter. As suas lições, animadas e coloridas pelo imaginoso da phrase, exemplificadas pela propriedade e graça dos similes, escutadas pelo attractivo irresistivel da sua palavra inspirada, tiveram desde logo grande concurso de ouvintes além dos alumnos.

Como professor, nada nos resta de José Estevão senão as recordações dos que tivemos a delicia de o ouvir. O sr. José Horta, que foi um dos seus mais distinctos discipulos, e depois collega no magisterio da mesma eschola, tem copiosos apontamentos das melhores lições que lhe ouviu, memorias que hoje subiram de valor.

De uma das lições sobre a theoria da população, onde o tão chorado professor trata da emigração portugueza para o Brasil, vamos dar aqui alguns periodos em obsequio dos nossos assignantes residentes n'aquelle imperio.

«Só ha meios indirectos para amparar as inevitaveis consequencias da população. Um só é nada, todos são insufficientes. A educação, um governo illustrado, intelligente e moral, conhecedor consciencioso das suas obrigações e deveres, instrucção publica derramada com profusão por toda a parte, religião verdadeira e santa, conselhos honestos e prudentes, juizo claro e recto, tal é a colligação que poderá conter o excesso em limites menos perigosos. *Moralisar*, *desaccumular*, *repartir*, *produzir*, são as quatro chaves que podem conter a população.

E moralisar é educar, estabelecer egualdades justas, proclamar o codigo dos direitos e deveres.

Desaccumular é destruir monopolios nocivos, concessões usurpadoras, privilegios inadmissiveis.

Repartir é dividir a população em relação á extensão do solo e á sua fertilidade.

Produzir é accumular os meios que podem tornar as subsistencias mais numerosas, baratas e geraes.

As emigrações são o meio conhecido até aqui para dar saída aos excessos da população. Bem antigo é elle, ainda que fosse differente o principio que então o guiava. Nas eras conquistadoras, este meio era empregado debaixo de um ponto de vista politico; hoje o pensamento é todo economico. Nós nascemos de uma colonia romana. O *ducere colonos*, de que reza Tito Livio, era a emigração praticada pelos romanos. Como hoje se faz, cada demarcação nacional é uma alfandega de homens; os direitos que ahi se exigem são bem pesados; nem todos os podem pagar. Sentimentos, sympathias, habitos, parentes, familia, affeições, e finalmente a patria... são o desalmado imposto das emigrações. Sacrificio moral, o mais pesado de quantos ha! Especulação da vida, a mais dolorosa que póde haver! O individuo que emigra não é um nómada, um selvagem só possuidor de armas e uma tenda portatil, para quem a deslocação é facil e a locomoção desembaraçada.; é um homem que tem uma patria, familia e amigos. A partida é sempre dolorosa, e muitas vezes impossivel. A facilidade, a indifferença em deixar o solo natal só se dá em duas classes verdadeiramente antipodas: nos philosophos e nos criminosos. Mas as causas que os impellem são diversas. As suas tendencias, educação e habitos são differentes, porém ambos se confundem n'este commum sentimento de desapêgo da patria. Uns são levados pela grandeza da philosophia, pelo scepticismo da razão, a investigações longinquas e remotas. Os outros por uma especulação unicamente aventurosa, pela perspectiva de melhor futuro.

Mas isto são classes apenas, não são as massas sociaes, porque estas não quinhoam de certo tão aridos sentimentos. Hoje a emigração é uma lamentavel servidão. O colono, quando mette o pé no barco, já é escravo do negociante pelo seu transporte. Levantou um credito sobre a sua vida e força. Se tem a felicidade de resistir ás intemperies do clima, ás differenças de alimentação, á saudade pungente da patria, poderá pagar essa letra de sangue que sacaram sobre elle, e que elle sellou com lagrimas. Se não podér, então perecerá, e perecerá escravo da emigração. Este recurso é falso e impotente. Na nossa emigração para o Brasil, o painel das miserias que lá vão passar os nossos emigrados contrista e envergonha um coração portuguez. Muitos dos nossos vão lá ser vendidos como escravos a esses senhores de engenho, duros aristocratas do capital, que não vêem lagrimas, porque só vêem oiro. As emigrações são uma anomalia que envergonha a epocha em que vivemos, sem, de nenhuma fórma, remediar os males da população. A emigração póde continuar, mas sob outros auspicios, e com outras leis. Pois não é estranhavel, e até barbaro, que haja consules de cada paiz nos differentes reinos, para zelar o commercio, para curar da avaria dos navios, para evitar que as mercadorias se damnifiquem, e que a *mercadoria humana* mereça tão pouco cuidado á administração publica! Uma pipa de azeite merecerá porventura mais ao mercantilismo do que um homem? As emigrações hão de em breve deixar de ser consideradas como uma especulação individual, mas sim como um negocio de estado, que interessa aos paizes e aos governos. Sem duvida que o augmento da população trará decisões sérias a este respeito. O homem que deixa um paiz deve, perante a boa razão, ficar debaixo da tutela da nação d'onde sae, e d'aquella para onde parte, porque ambas utilisam com esta deslocação. No anno passado, em vista do estado economico do mundo, e em presença do grande movimento das idéas reformistas, disse eu com toda a singeleza do coração, e com toda a confiança da verdade, que o augmento da população traria, sem duvida, um accôrdo entre as nações, para repartirem o excesso de braços pelos logares inhabitados que apresentassem futuro de producção. Considerava assim a terra como uma granja extensa, e toda a humanidade irmã no trabalho. Enganei-me. Mal suppunha eu, que desejos tão sinceros, que aspirações tão justas, fossem assim mallogradas!

Em vez de congresso de paz socialista, houve batalhas sociaes. Mas a sentença não é menos verdadeira. O periodo da sua realisação afasta-se, mas o seu apparecimento não é menos urgente; ha de chegar um dia, e será n'aquelle em que raiar o verda-

deiro progresso para o mundo, e em que os principios christãos ascenderem á sua verdadeira altura. E de passagem diremos, que nos não cumpre classificar de utopia senão o estacionamento. Todas as descobertas, todas as invenções, por mais cerebrinas que pareçam, podem ter a sua epocha e o seu logar de applicação.

Ignorâmos ainda quaes são os limites das faculdades do homem, e até onde chega a sua alçada inventiva. Mas sabemos que o impulso ás sociedades se se acha applicado, e que ellas hão de obedecer-lhe, sem que nenhuma consideração as possa desviar do seu destino. Nascemos no meio d'estas idéas, d'esta civilisação. Foi o destino que assim o ordenou. Os problemas, que nos cercam e apertam, ou nos hão de esmagar ou hão de ser resolvidos. O terreno é difficil e desconhecido, bem o sabemos. Mas hemos de tenteal-o e estudal-o por todos os meios; somos levados a obedecer á força que nos impelle. Devemos seguir caminho ou morrer: *stare no conosce*. Assim se nos antolha o futuro.

O mundo conta hoje mil milhões de habitantes. Mas, de um momento para o outro, vêem-se as aldeias transformar-se em cidades, e estas tornarem-se em metropoles de vastas colonias. *Crescite et multiplicamini*. É a lei de Deus que se cumpre. Nós, que somos um recanto do mundo, um til da humanidade, ainda assim lá vamos, levados pelo impulso geral. A nossa população tem subido a quatro milhões de habitantes, e cresceria mais se se removessem os obstaculos que impedem o seu desenvolvimento. Se os morgados fossem abolidos; se o credito fosse assentado nas suas verdadeiras bases, ampliado, estendido e applicado á terra; se se aclarassem os meios da posse territorial: se se reformassem as hypothecas; se se désse á terra amparo contra as arguciass forenses, que se levantam para pôr em duvida posses sanccionadas pelo tempo e trabalho, decerto que a nossa população cresceria rapidamente.

Mas, dirão: que ganhavamos nós com isso? Vermonos a braços com as difficuldades e complicações de uma população exorbitante? Devemos apagar o fogo ou lançar-lhe lenha? Sigamos o destino e o progresso, lancemos-lhe lenha, e que a fornalha arda com todo o seu brilho. A Providencia velará por nós. Muito ha a crer tambem no homem, n'esse Protheu de mil fórmas, de mil caprichos, e de mil recursos, n'esse vasto compendio onde cada geração vae decifrando uma linha. Confiemos n'elle, e confiemos no Creador, que de certo tem mil segredos ainda para lhe revelar. Lancemo-nos pois n'esta cruzada do progresso; entreguemo-nos de alma e coração ás suas vantagens e inconvenientes, poupemos os nossos filhos, e não vamos commetter crimes pelo desejo de evitar males. Deixemo-nos ir embalados por esta embarcação, que marcha veloz para um mundo desconhecido. Aproâmos ao oriente, havemos de chegar a algum porto. E tenhamos presente sempre o alcance fatidico das quatro palavras que, como quatro columnas, encerram a questão que nos tem occupado. *Moralisar*, *desaccumular*, *repartir*, *produzir*. São os remedios palliativos, porque o remedio heroico pertence á natureza.»

Taes eram as doutrinas do nosso professor.

Ainda no vigor da edade, e resplandecente cada vez mais o seu grande espirito, prostrou-o a morte, quasi de subito, a 3 de novembro passado! Foi um dia de lucto nacional, e de uma perda irreparavel.

A popularidade do seu nome manifestou-se, como nunca se vira, no cortejo de milhares de cidadãos de todas as classes que, a pé, acompanharam o prestito até á sepultura, sendo o seu feretro levado nos braços do povo, de quem fôra o mais leal e estrenuo defensor.

Vozes eloquentes e saudosas lhe deram o ultimo *vale* á entrada no jazigo; a sua cadeira parlamentar esteve coberta de crepe por votação unanime da camara; abriu-se uma subscripção publica para lhe levantar um monumento; na capital e nas provincias lhe fizeram solemnes exequias. Foram honras magestaticas feitas a um homem do povo, porque era o principe da eloquencia politica.

Para cumulo de tantas homenagens, S. M. El-Rei D. Luiz honrou ultimamente a memoria de José Estevão querendo ser padrinho de seu filho posthumo. Acção digna de um soberano que tanto preza os benemeritos da patria, e pelo que a posteridade não poderá dizer d'este famoso tribuno popular, o que de si lamentára, o grande Affonso de Albuquerque: *Mal com os homens por amor del-rei, e mal com el-rei por amor dos homens.*

PORTA DO MONIZ NO CASTELLO DE S. JORGE

Abre-se esta porta no lanço da muralha que está voltada para o norte, tendo junto de si uma torre que a defendia, falta hoje das ameias que a coroavam, bem como a toda a muralha.

Tem a porta onze palmos de altura e dez de largura. Logo por cima do arco está um nicho, e n'elle o busto de Martim Moniz, comprehendendo só a cabeça e pescoço, esculpido em marmore branco. Se não tivera o nariz quebrado, podia dizer-se que se achava perfeitamente bem conservado. E esse estrago mostra ser obra mais da maldade que do tempo.

Da inscripção que se lê por baixo do busto já démos conhecimento aos nossos leitores em outro logar d'este semanario. [1]

O feito glorioso que deu motivo para se collocar sobre aquella porta o busto do illustre D. Martim Moniz é geralmente conhecido, e ficou bem popular entre nós, e até no estrangeiro, desde que o sr. Castilho o desenhou e coloriu nos seus *Quadros Historicos*, com aquelle subtil pincel, tinto nas mais vivas côres da poesia que tão magistralmente sabe manejar.

Entretanto, como succede a muitos outros factos da nossa historia, relativos aos primeiros periodos da monarchia, é ponto de duvida para algumas pessoas estudiosas, se foi com effeito n'aquella porta ou n'outra do lado de léste que o valoroso D. Martim Moniz se entalou, e se deixou matar, para franquear á hoste de D. Affonso Henriques a entrada na praça moirisca.

Os que admittem esta duvida hesitam em attribuir ao nosso primeiro rei a collocação do busto sobre a porta, parecendo-lhes que a esculptura d'elle revela a sua origem em uma epocha menos antiga, e de mais alguma perfeição nas artes, do que a que viu nascer a monarchia.

São pontos estes em que se póde conjecturar com facilidade, mas em que será, se não impossivel, mais difficil chegar a obter certeza.

A porta do Moniz dá saída para o olival que assombra a ingreme encosta do monte por todo o lado do norte, e dá entrada para um espaçoso terreiro, a que chamam a *praça velha*. Entrando n'elle, vê-se em frente da porta a egreja parochial de *Santa Cruz do Castello*, fundada por D. Affonso Henriques, destruida inteiramente pelo terremoto de 1755, e reedificada pouco depois. A direita está a barbacã moirisca, e por detraz elevam-se os altos muros torreados da cidadella, ou *alcaçova*, cujo lado do norte se acha representado na gravura que publicâmos. A primeira torre da alcaçova, que a mesma gravura mostra, é a que tem a cisterna. Os arcos de ferro em fórma de coroa, que suspendem a roldana em que deve girar a corrente com os baldes, erguem-se, e deixam-se ver de longe, por cima das quasi derrocadas ameias da torre. Onde terminava a alcaçova, da parte do sul,

[1] Vid. pag. 318.

levantavam-se os paços reaes, que d'ella tomaram o nome, e dos quaes resta uma parede com janellas.

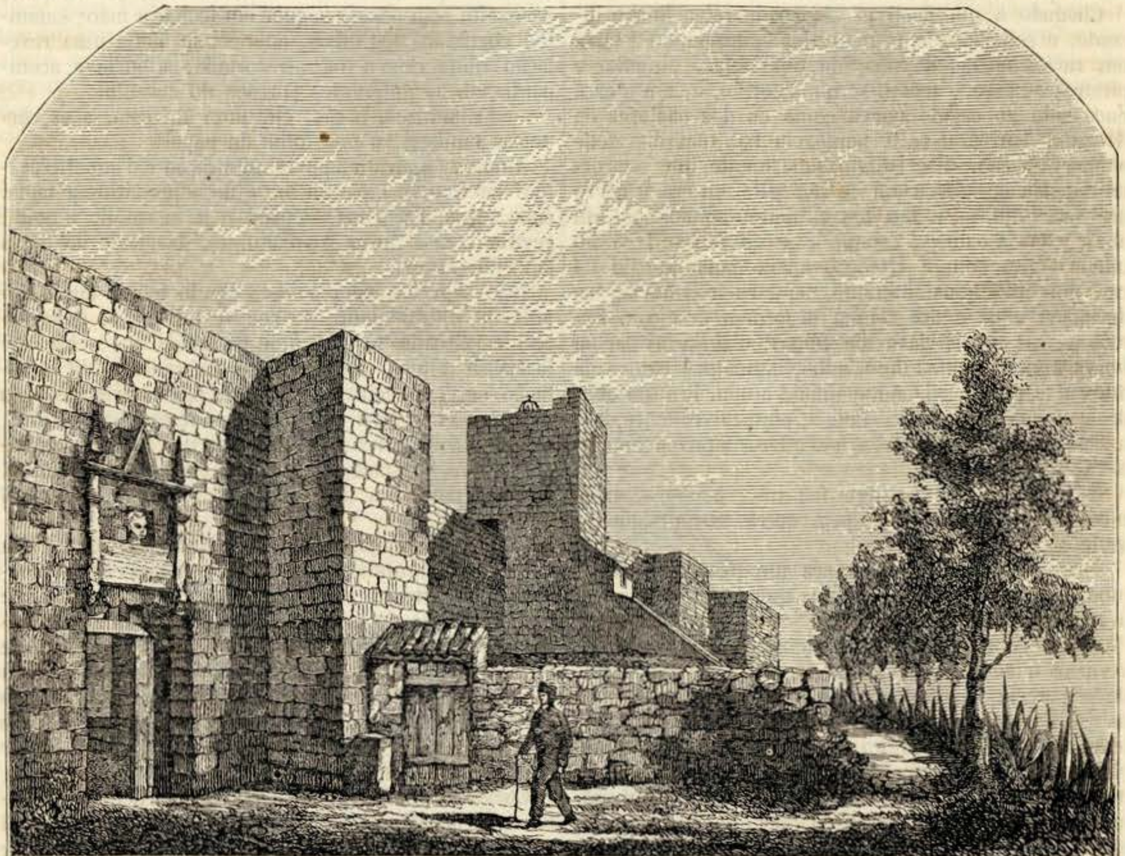
Da praça velha goza-se um panorama mui lindo e pittoresco, em que avultam a egreja e mosteiro de S. Vicente de Fóra, hoje palacio patriarchal; a egreja do convento de Nossa Senhora da Graça, aquella servindo agora de parochia de Santo André e Santa Marinha, e este de quartel do regimento de infanteria n. 10, e a ermida de Nossa Senhora do Monte; muita extensão da cidade e dos arrabaldes do norte, limitados por serras ao longe; e finalmente a immensa amplidão do Tejo para a parte do sul.

I. DE VILHENA BARBOSA.

JOÃO

(A T. J. DA ANNUNCIAÇÃO, PINTOR)

É uma verdadeira pena não conhecer o leitor o sitio da Palhoça. Não porque esse sitio seja mais bonito do que todos os outros que conhece, mas porque a acção d'este conto é ahi que principia. A Palhoça nem é aquella casa de venda que se encontra á beira da estrada, um pouco adiante do Cercal, baloiçando aos ventos do inverno o ramo que tem á porta, nem tambem é a estação da malla-posta, que lhe fica um



Porta do Moniz no castello de S. Jorge — Desenho de Barbosa Lima

pouco á direita, e que não deve chamar-se Palhoça, mas Logar dos Carreiros; os campos de pastagem que alli se encontram é que mereceram ao sitio esse nome, em tempos mais poeticos, que toleravam ainda a classica cabana de palha no meio dos montes; hoje passaram de moda os carneirinhos brancos com fitinhas côr de rosa ao pescoço; andam ainda por lá, mas tem uma lã suja que deita mau cheiro, e a sua principal poesia reside nas costeletas, e exige batatas fritas!

Ah! Palhoça! Palhoça! Não és decerto tu que tens a culpa de que os pastores de hoje sejam uns besuntões sem geito no cabello, esfarrapados, desairosos, esopos no andar, a mascarem um naco de pão de rolão, e acompanhados de um cão esgalgado e estitico, com focinho de lobo, que deplora sobre os montes a decadencia da poesia pastoril!

Pois ellas! Cuidam que ainda ha restos das pastoras antigas, de saia curta, corpete de fitas cruzadas, e tez de lyrios e rosas!? Ah! Isso houve, houve seguramente d'isso na Palhoça; mas hoje a Palhoça cedeu-as aos leques e aos biombos! Ai de mim!

Certo é que era uma vez um pastorinho de quinze ou dezeseis annos, tão franzininho que não inculcava ter mais de doze, que ia conduzindo por este mesmo sitio da Palhoça, com o ar reflexivo e melancolico particular ás creaturas que passam uma parte da sua existencia na solidão, uma ou duas duzias de carneiros, que teriam ido cada um para sua banda, se não fôra a activa vigilancia de um canzarrão preto, de orelhas esguias, que se encarregava de reunir ao grupo principal os retardadiços e os teimosos, por uma leve dentadinha dada a proposito.

Os romances não haviam dado volta ao miolo do nosso João; João é como elle se chamava, e não Tirce ou Leandro; não sabia ler. Era, todavia, sonhador e scismatico; se não vivesse na Palhoça, chamar-lhe-hiam *romantico*. Ficava dias inteiros encostado a uma arvore, com a vista errante pelo horisonte, n'uma especie de contemplação extactica. Nem

elle proprio sabia em que pensava. Coisa rara em gente do campo, via o erguer e o pôr do sol, os effeitos de luz na folhagem, as differentes côres do horisonte, sem saber o por quê; suppunha até fraqueza de espirito, doença quasi, o imperio que exerciam sobre elle as aguas, os arvoredos, o ceo, e dizia para si:

— Isto, por fim de tudo, não é coisa rara. Ha arvores a rôdo, e uma pessoa está farta de ver terra. Por que motivo, então, páro eu uma hora inteira diante de um carvalho, de uma collina, deixando o comer e o beber, esquecendo-me de tudo? Se não fosse o Fiel, já teria perdido cabeças bastas, e o patrão ter-me-hia despedido! Mas por que não sou eu como os mais, alto, forte, alegre, cantando para espalhar penas, em vez de levar a vida a ver brotar a herva que os meus carneiros comem?

Chegado a um declive coberto de relva fina e luzente, e semeado de arbustos que se prendiam á terra em raizes cheias de nós, de uma feição singular e pittoresca, parou, sentou-se n'um torrão, e com a cara encostada ao cajado curvo como os dos pastores da Arcadia, entregou-se á tendencia habitual dos seus sonhos. O cão, discernindo sagazmente que os carneiros não se afastariam de um sitio em que a herva era tão mimosa e tão tenra, deitou-se aos pés do amo, com a cabeça estendida e os olhos fixos no olhar d'elle, com a attenção apaixonada que faz do cão um ente quasi humano. Os carneiros haviam-se agrupado aqui e alli n'uma desordem graciosa. Um raio de luz escorregava nas folhas, e fazia brilhar na herva algumas gotas de orvalho, diamantes caídos da aurora, e que o sol não apanhára ainda. Era um quadro completo, assignado «Deus», pintor excellente, que a academia das bellas artes não quereria talvez mandar á exposição!

Esta foi a reflexão que fez uma senhora, que, n'este momento, entrava pela outra extremidade do valle.

— Que lindissimo sitio para um desenho! exclamou ella pegando n'um album, que levava a aia que a acompanhava.

Sentou-se n'uma pedra musgosa, em risco de esverdear o seu fresco vestido branco, que pouco cuidado parecia dar-lhe, abriu o livro, collocou-o sobre os joelhos, e principiou a traçar o esboço com mão leve e ousada. A sombra transparente de seu amplo chapeo de palha doirava-lhe as feições delicadas, como n'aquelle primoroso esboceto da rapariga de Rubens, que se vê em Paris no museu do Louvre. Caíam-lhe em tranças os cabellos, de um loiro riquissimo, sobre o pescoço alvo de neve, marcado com coquetismo de dois ou tres signaesinhos. Era de uma belleza encantadora e rara.

João, absorvido pelo recorte de folhas de um castanheiro, não déra pela apparição de um novo actor na tranquilla scena do valle. O Fiel erguêra o nariz; mas, não vendo objecto de susto, retomára a sua attitude de esphinge melancolica. O aspecto d'aquella fórma esbelta e branca perturbou singularmente o pastorinho; sentiu comprimir-se-lhe o coração de uma maneira enexprimivel, e, para se subtrahir a essa sensação, assobiou ao cão, e resolveu ir-se d'alli.

Mas justamente isso é que não fazia conta á dama, que estava n'esse instante a desenhar o pastorinho e o seu rebanho, accessorio indispensavel da paisagem; atirou para o lado o album e os lapis, e, em dois saltos de corça perseguida, estava ao pé de João, e levava-o á força para o mesmo torrão em que o rapaz estivera sentado.

— Senta-te ahi, disse-lhe alegremente; has de ahi estar quieto até eu te deixar ir embora; põe o braço mais para diante, a cabeça mais para a esquerda...

E, ao passo que fallava, com a mão alva e delicada punha a cabecita de João em attitude.

— E o mais é que tem bonitos olhos, Luiza, para olhos de pastor! disse ella, rindo, á sua aia.

Collocado novamente em attitude o modelo, a graciosa dama voltou para o seu logar, e continuou o desenho, que não levou muito tempo a concluir.

— Agora já podes levantar-te e partir, se quizeres; mas deixa-me recompensar-te da semsaboria que te causei, fazendo-te estar para ahi como um santo de pau. Anda cá!

O pastor foi devagar, todo envergonhado, de pescoço humilde e testa a suar; a senhora depoz-lhe vivamente uma moeda de oiro na mão.

— É para comprares um fato novo, quando fores dançar aos domingos.

O pastorinho, que deitára um olhar furtivo sobre o album que havia ficado entreaberto, estava como pasmado, sem pensar sequer em fechar a mão; saíam-lhe chammas dos olhos, operava-se n'elle uma revelação subita. Com a voz entrecortada, balbuciava, acompanhando as differentes porções do desenho:

— As arvores, o cão, eu, tudo ahi está, e os carneiros tambem, n'essa folha de papel!

A dama folgava d'aquella admiração e d'aquelle pasmo ingenuo, e mostrou-lhe differentes sitios a lapis, rios, casas, rochedos; depois, e já ia caindo a noite, seguiu com a aia o seu caminho, descendo do outro lado da estrada.

João seguiu-a com a vista muito tempo ainda depois da ultima dobra do seu vestido haver desapparecido por traz do cabeço, e por mais que o Fiel lhe farejasse a mão, não conseguiu arrancal-o da meditação em que caíra. O humilde pastor principiava a comprehender para que servia contemplar as arvores, as curvas do terreno e as fórmas das nuvens. As inquietações e impetos, que sentia em frente do campo, tinham, pois, um fim; não era, visto isso, imbecil nem doido!

Elle bem vira já, de uma vez que fôra ao Pral, um painelsinho figurando Nossa Senhora, mas era tão grosseira essa gravura, que não havia podido acordar-lhe nenhuma idéa de arte. Os desenhos do album da dama, de uma notavel clareza de lapis e exactidão de fórmas, foram uma coisa de todo o ponto nova para João. Na egreja havia tambem uns quadros, mas tão escuros e sujos, que já não se distinguia nada, e elle, de mais a mais, apenas se atrevêra a levantar os olhos do portico onde ajoelhava sempre.

Chegou a noite. João fechou os carneiros, e sentou-se á porta da choupana. O ceo estava de um azul sombrio. As sete estrellas brilhavam como prégos de oiro. O pastorinho, com os dedos embrenhados no pello do cão acocorado aos pés d'elle, sentia-se deslumbrado d'aquelle espectaculo magnifico, que elle estava a ver sósinho, festa esplendida que o ceo, na sua indolente magnificencia, concede á terra adormecida.

E lembrava-se tambem da mão assetinada e debil que roçára pela sua face aspera e rude, e estremecia todo. Custou-lhe a adormecer, e rebolava na palha como o troço de um reptil, sem poder fechar as palpebras; o somno chegou em fim, depois de se fazer rogar. O pastor sonhou.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

VI

(Vid. pag. 334)

O colloquio XX trata da viagem de Hespanha á Italia, da passagem por Pisa e Florença, e visita ao grão-duque da Toscana. Tendo-se os embaixadores demo-

rado em Alicante 14 dias, largaram d'aquelle porto para a Italia a 19 de janeiro. Mas os ventos ponteiros obrigaram-n'os duas vezes a arribar, até que a 7 de fevereiro desferiram as velas de novo, e poucos dias depois surgiram diante da cidade de Alcuda da ilha Maiorca, cujo governador e povo os recebeu com grandes distincções. Seguiram a navegação a 19 de fevereiro, e no dia 1 de março lançaram ferro no porto de Leorne, tendo prodigiosamente escapado ás mãos dos corsarios barbarescos que infestavam aquelles mares. Mandou-os logo comprimentar o grão-duque da Toscana por um fidalgo da sua casa, e convidal-os para passarem com elle o carnaval em Pisa, segunda cidade dos seus estados, onde então estava com a sua corte.

No seguinte dia partiram em tres coches da casa ducal para Pisa, onde lhes saíram ao encontro muitos fidalgos, que os levaram para um palacio que sua alteza mandára preparar para os receber, e onde lhes serviram o jantar os seus proprios escudeiros e criados. Foram logo depois visitados pelo governador da cidade, e por Pedro de Medicis, irmão do grão-duque. A primeira visita dos japões foi á sé, e recolhendo-se a casa foram á noite com muito apparato levados ao paço em tres coches, acompanhados de toda a guarda dos suissos, de muitos pagens e gentis-homens, e de criados com tochas accesas na mão. Saíu o grão-duque a recebel-os ao meio da escada, com seu irmão e muitos fidalgos; e feitas as primeiras saudações, tomando a D. Mancio pela mão o introduziu com os outros na sala em que estava com as suas damas a grão-duqueza, que os abraçou a todos quatro. Houve depois sarau musical, e praticas muito familiares sobre os costumes e coisas do Japão, e ao despedirem-se, a mesma grão-duqueza lhes apresentou tres bandejas com doces e confeitos.

A pedido de sua alteza, demoraram-se em Pisa alguns dias, em que foram a uma caçada com o grão-duque, e assistiram nos paços ducaes a uma sumptuosa funcção de carnaval, em que depois de dançar com a grão-duqueza o irmão do grão-duque, convidou esta, segundo os usos de então, o nosso Mancio a bailar com ella, e depois este a outra dama, e esta a Miguel Cingiva, tocando assim successivamente a vez a Martinho e Juliano. Concorreram não pouco os nossos japões para os folgares d'aquella noite, alegrando de sobejo a todos com a sua desculpabilissima timidez e falta de desenvoltura, em razão da impericia na arte de dançar á feição dos europeos. Suscitou porém mais que tudo a alegria, a escolha que Juliano fez de uma dama já muito adiantada em annos para bailar, de que riu com gosto toda a assembléa, e elle mesmo, que com o pejo natural do seu par encobriu o seu proprio, desviando de si os olhos dos circumstantes para aquella dama, impropria para tal genero de folia.

Foram depois ver as raridades da cidade, entre as quaes primava a sé e a egreja dos cavalleiros de Santo Estevão, onde assistiram com o grão-duque no dia das cinzas á funcção religiosa do primeiro dia da quaresma, e receberam com sua alteza as cinzas com todo o apparato religioso d'aquella ordem. Viram mais o thesouro e a sala das armas dos mesmos cavalleiros.

Despedindo-se de suas altezas, em testimunho de agradecimento ás finezas e primor com que haviam sido tratados, offereceram-lhe varios presentes curiosos por sua raridade. Na segunda feira seguinte partiram para Florença, acompanhados de trinta alabardeiros. A duas milhas fóra da cidade, foram recebidos pela tropa e muitos cavalheiros e fidalgos da primeira nobreza. Entrando em Florença entre grande concurso de povo, foram apear-se á porta do collegio dos padres jesuitas; mas tiveram de seguir logo para os paços ducaes, e alterar d'esta feita o costume de se hospedarem nas casas dos mesmos padres, para satisfazer ao grão-duque que quizera que os senhores embaixadores fossem na sua corte seus hospedes. Foram pouco depois visitar o cardeal arcebispo de Florença, que os veiu receber ao meio das escadas, e lhes fez varios mimos preciosos, um dos quaes foi um crucifixo de marfim, de finissima esculptura. Visitaram tambem o Nuncio do papa, e em cinco dias que se demoraram alli, foram visitados pelo cardeal arcebispo, pelo Nuncio e por toda a corte e nobreza, e acompanhados por muitos cavalheiros nobilissimos a ver as raridades da cidade, e dos arrabaldes, que são muitas e preciosas, principiando pelo palacio ducal, e seguindo pelas egrejas, conventos, hospitaes, palacios, galerias e quintas.

Passa d'aqui o auctor ao colloquio XXI, dedicado á digressão á quinta ducal de Pratolina, e ao restante da jornada até Roma. Distava de Florença áquella quinta uma legoa, e ainda que muito diz o auctor das bellezas e da magnificencia que alli admiraram, não o podêmos acompanhar sem nos tornarmos nimiamente prolixos.

Voltando a Florença, descreve o auctor entre outras raridades um grandioso pateo de bichos com dez leões, quatro tigres, quatro ursos e dois lobos cervaes, a magnifica cathedral e a sua torre, o thesouro ducal, e o arsenal com mais de cinco mil armaduras de todo o genero.

Partindo de Florença, o grão-duque mandou-os acompanhar por um dos seus gentis-homens, e tratal-os á sua custa em quanto estivessem nos seus estados. A 13 de março chegaram a Sena, onde foram recebidos pelo governador fóra da cidade, e n'ella hospedados á custa de sua alteza. Depois de admirarem a sé, riquissima em marmores, esculptura e baixo-relevos, partiram a 17 para S. Quiricio, onde o papa lhes mandou dizer por um seu enviado, que muito desejava que abbreviassem a jornada, porque vendo que pouco lhe restava de vida, estava ancioso por vel-os, e muito folgaria que chegassem a tempo de os receber em consistorio no dia 23, para os levar em sua companhia no dia 25 quando fosse á egreja de Santa Maria sobre Minerva celebrar a festa da Annunciação da Virgem.

Apressaram pois o caminho, e entraram nos estados pontificios por Acquapendente, onde os recebeu o governador com um troço de cavallaria ligeira. Continuaram a jornada em carruagens que o papa lhes mandára, e chegando a Viterbo foram recebidos e tratados com muita honra. Demoraram-se n'esta cidade um dia, que empregaram em ver a sé e a egreja de Santa Rosa, em que se conserva o seu corpo inteiro. Saíram tambem a ver a famosa quinta que o cardeal Gámbara mandára construir a pouca distancia d'alli. Partiram de Viterbo a 21, e de caminho para Roma admiraram o magnifico palacio e quinta do cardeal Capraróla, da familia dos Farneses e duques de Parma. Entraram em Roma ao descair da tarde do dia 22 de março com grande acompanhamento, e foram logo apear-se á porta da casa professa dos jesuitas, com o consentimento do papa. Acudiu alli tanta multidão de gente para os ver, que com muito trabalho poderam as carruagens aproximar-se á portaria, onde os recebeu o P. Claudio Acquaviva, preposito geral da companhia de Jesus, com os seus assistentes, e toda a communidade, entre muitas tochas accesas. Foram em seguida conduzidos á egreja, onde a portas fechadas cantaram o *Te Deum laudamos* a dois coros os alumnos do collegio germanico, conservando-se os embaixadores de joelhos até ao fim da funcção com tão rara devoção, que edificava, pois mostrava quão profundas raizes tinha lançado em seus corações a nossa santa religião. Foram depois levados aos seus aposentos, apparatosamente adereçados com tapeçarias e ricas alfaias, que alguns amigos dos padres, lhes ti-

nham emprestado para este fim. A sala de dormir era commum a todos, mas cada cama tinha o seu pavilhão para recato e commodidade. O P. Mesquita, seu confessor, guia e interprete, ficou alojado com elles no mesmo aposento.

(Continúa) A. J. F.

AGUIA PESQUEIRA

Esta ave é mui trivial em quasi toda a Europa; frequenta as praias do mar, as margens dos rios e a beira das lagôas; vive nas terras baixas, apaùladas e pantanosas.

Ha cinco especies, todas cosmopolitas, e são as aves mais bem conformadas para a pesca, que é o seu unico alimento, e por isso cheiram e sabem muito a peixe.

A aguia pesqueira está muitas vezes horas inteiras posta sobre uma arvore á espera que algum peixe venha á flor d'agua, e mal o avista, lança-se a elle, fisga-o com as garras, e vae comel-o para longe.

Os zoologos chamam-lhe *falco haliætus*, os francezes *balbuzard*, e nós *aguia pesqueira*. Parece-se muito com a aguia commum, porém é mais pequena, e não tem a elegancia nem o vôo da rainha das aves. Ordinariamente é gordissima, e, como a aguia, póde passar muitos dias sem comer.



Aguia Pesqueira

Estas aves emigram todos os annos de um logar para outro aos bandos, e demoram-se nas nossas regiões durante a primavera e o outono. É n'esta ultima estação, principalmente, que fazem maior destroço nas lagôas; por isso se empregam todos os meios para as destruir. O mais usual é um laço feito n'um poste que fique a mais de metro acima do nivel da agua; a ave, quando aferra o peixe, procura logo um poiso para ir despedaçar a preza; vae empoleirar-se no poste, e é então que fica presa no laço por um dos pés.

A aguia *pesqueira*, a que tambem chamam *ribeirinha*, tem quasi um metro de comprimento; as unhas são negras, luzidias, e tão arqueadas que formam um perfeito semicirculo. O bico é revolto e tirante a azulado; o dorso mosqueado de alvadio, de escuro e ruivo; o ventre tambem é alvadio com pintas ruivas.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.